

The Red Scare: A história do pensamento anticomunista e suas consequências no mundo Ocidental

Maria Luiza Alves de Melo¹
Maria Eduarda Martins²

Resumo: O comunismo foi uma ideologia política e socioeconômica que surgiu a partir da idealização da igualdade e de um modelo de sociedade sem classes, livre de qualquer opressão por parte dos meios de produção. Desde sua ascensão no regime soviético, foi visto como uma ameaça pelos regimes capitalistas liberais, dadas suas tentativas de apropriação dos meios produtivos e seu possível totalitarismo, tornando-se um rival do sistema capitalista. A expressão “Red Scare” (“Terror Vermelho” ou “Pavor Vermelho”) diz respeito a períodos de forte rejeição ao Comunismo dentro dos Estados Unidos, estes períodos sendo caracterizados pela criminalização de ideias contrárias ao Capitalismo vigente. Portanto, o presente trabalho busca apontar, a partir da Revolução Russa, as medidas tomadas para impedir a expansão do sistema comunista no território ocidental, bem como suas consequências no pós-Guerra Fria e seus efeitos nos modelos sociais desenvolvidos, a partir de então, nos países Americanos.

Palavras-chave: história; capitalismo; comunismo; segurança internacional; anticomunismo; Guerra Fria.

¹ Graduanda do 7º período de Relações Internacionais da Faculdade ASCES. luizamello.alves@gmail.com.

² Graduanda do 7º período de Relações Internacionais da Faculdade ASCES. dudsmts@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O comunismo é uma ideologia política, social e econômica, que promove a formação de uma sociedade igualitária, com pouca concentração de autoridade, com base na propriedade comum dos meios de produção, e solucionaria os problemas da economia de mercado capitalista, do imperialismo e do nacionalismo. No comunismo a humanidade se tornaria emancipada, se libertando da alienação do trabalho, este deixando de ser um aspecto negativo e passando a ser a afirmação do prazer. Nas palavras de Karl Marx, o comunismo é o “trabalho livremente associado”.

Karl Marx foi um dos principais pensadores da ideologia comunista e acreditava que o comunismo seria o desenvolvimento final da sociedade humana, sendo alcançada através de uma revolução proletária e com a etapa final do socialismo –acumulação de capital-, de modo que com o aumento da produtividade do trabalho humano, a tecnologia possibilitaria uma grande quantidade de bens que seriam distribuídos de forma equivalente, promovendo igualdade em uma situação de bem-estar social. Segundo Marx, em um “comunismo puro” não existiriam classes, Estado ou qualquer tipo de opressão, e a sociedade seria autogerida democraticamente através da atividade consciente. Para alcançar a emancipação, a humanidade teria que ultrapassar as barreiras impostas pela classe dominante que teria todos os meios contra a revolução proletária: a burguesia.

Durante o século XX, o comunismo foi visto como uma ameaça iminente no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos da América, e uma rival das nações capitalistas, já que tentava exportar um modelo político e econômico de apropriação dos meios de produção. Rivalidade essa que culminou na Guerra Fria, tendo as duas superpotências –União Soviética e EUA- como polarizadoras de forças. O temor do avanço comunista, que poderia derrubar o capitalismo vigente, para o mundo ocidental, sobretudo nos EUA, era notável inclusive entre a população civil.

A expressão “The Red Scare”, ou “A Ameaça Vermelha” em português, representou os períodos de forte desenvolvimento da ideia anticomunista nos Estados Unidos que se caracterizava pela criminalização de opiniões políticas de base comunista ou anarquista. Esse pavor resultou em investigações agressivas e prisões de pessoas suspeitas ou ligadas de alguma forma a movimentos comunistas.

Desta forma, é possível identificar uma clara securitização do Comunismo por parte dos Estados Unidos, securitização essa que levaria a difusão do pensamento anticomunista para além do território estadunidense, se fixando não mais somente no Norte Global que lutava contra a União Soviética, mas também criando raízes em países latino-americanos que tiveram apoio das potências para instalarem regimes extremos em seus territórios com o objetivo de evitar revoluções comunistas dentro de suas fronteiras.

UMA BREVE HISTÓRIA DO COMUNISMO

É impossível falarmos sobre a difusão do anticomunismo no Ocidente sem antes entendermos as raízes históricas e a filosóficas que trouxeram o Comunismo à tona, o que não carrega nenhuma complicação já que o Comunismo tem seu surgimento e popularização perfeitamente bem definidos no tempo: em meio ao século XVIII, no coração cosmopolita da Europa Ocidental. A Revolução Industrial foi o marco catalizador que proporcionou o surgimento do Comunismo, além de ser um ponto de virada na História por ser o embrião do pensamento Capitalista.

Antes da Revolução as atividades econômicas e produtivas se davam exclusivamente por meio artesanal e manual, portanto, quando as máquinas de produção em larga escala começaram a surgir, os trabalhadores perderam o controle do processo produtivo, da manipulação da matéria prima e da posse dos lucros, o que os colocou em uma situação crítica, as classes baixas da população não eram donas de mais nada além da sua capacidade como mão de obra de baixo custo. Em meio ao furor causado pela evolução tecnológica, social e econômica que a Revolução proporcionava, cada vez mais pessoas migravam dos campos para a cidade em busca de empregos na indústria, o que era uma grande vantagem para a burguesia detentora dos meios de produção, porém a condição de vida dos trabalhadores ia de mal a pior; os salários recebidos eram baixos, as jornadas de trabalho extremamente longas (chegando a passar de 17 horas diárias), e os operários não viam nenhuma perspectiva de real enriquecimento pessoal ou material, tais fatos os levaram a fomentar ideias como o sindicalismo e a exigência de condições dignas de trabalho.

Foi em meio a esse contexto social que o Comunismo começou a tomar forma, e mesmo antes de Marx contribuir para o pensamento comunista com suas obras, esse vem a aparecer na comunidade científica pela filosofia de outros autores. Robert Owen foi um dos primeiros que saiu em defesa das classes operárias, ele sendo um reformista social Galês que mesmo mantendo a co-propriedade de uma fábrica têxtil, se preocupava com o bem-estar dos seus empregados. Segundo Owen (1841) *"The lowest stage of humanity is experienced when the individual must labour for a small pittance of wages from others"*, ou em tradução livre "O estágio mais baixo da humanidade é atingido quando um indivíduo precisa trabalhar por uma ninharia de salário dos outros". Já no século XIX Marx se torna responsável pela análise mais aprofundada das relações entre as classes sociais, nas suas obras de maior relevância, O Capital e O Manifesto Comunista, ele procura sempre demonstrar as dinâmicas econômicas que criaram a diferenciação entre as classes, além de enfatizar o quão prejudicial a acumulação do capital na mão de poucos era para a criação de uma sociedade justa e igualitária.

Marx se diferencia de autores anteriores a ele por explicar a luta de classes a partir de um viés puramente econômico, ele também via o Comunismo de forma diferente, não como um ideal ou um Estado utópico, mas sim como um movimento real que poderia ser manifestado através do movimento operário; ele defende que uma revolução socialista do proletariado precisava acontecer, que os trabalhadores deveriam derrubar a burguesia do poder, tomar os meios de produção e os tornar bens públicos, a riquezas também seriam redistribuídas, feito isso não existiriam mais classes sociais já que o conceito de propriedade privada seria destruído e as pessoas estariam livres dos males do capital e da exploração trabalhista. Sobre a mudança do status quo pregada pelo pensamento Comunista, Marx escreveu o seguinte: "Os comunistas não se rebaixam a ocultar suas opiniões e os seus propósitos. Declaram abertamente que os seus objetivos só poderão ser alcançados pela derrubada violenta de toda ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista. Nela, os proletários nada têm a perder a não ser suas prisões, tem um mundo

a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!" (Manifesto do Partido Comunista, 1848, cap IV)

E para finalizar o pensamento marxista, Marx sintetiza o Comunismo da seguinte forma: "*Reunião de homens livres trabalhando com meios de produção comuns e, dependendo, a partir de um plano combinado, suas numerosas forças individuais como uma única e mesma força de trabalho social.*" (O Capital, 1867, p. 23)

O COMUNISMO NO SÉCULO XX

Um dos marcos históricos mais importantes na evolução do pensamento comunista foi a Revolução Russa, iniciada em fevereiro de 1917 com a derrubada do governo absolutista vigente pelas classes operárias e sendo seguida pela Revolução de outubro que proporcionou a ascensão do partido Bolchevique ao poder, foi marcada pela primeira vez que um partido declaradamente comunista tomava o poder de um Estado. Lênin, a cabeça principal dos Bolcheviques, sofreu com várias tentativas de repressão do seu governo por grupos contrários as ideias comunistas, o que lançou a Rússia que já estava extremamente fragilizada, tanto pela instabilidade política, quanto pela sua participação na Primeira Guerra Mundial, em vários conflitos particularmente sangrentos.

É impossível afirmar que o Comunismo aplicado na Rússia correu bem no que diz respeito a proporcionar desenvolvimento econômico e bem-estar social, mas o resto da Europa capitalista da época também não se encontrava em melhor estado tendo acabado de sair de uma guerra de proporções gigantescas, observamos então que o Capitalismo e o Comunismo se encontravam no mesmo barco após os eventos do começo do século, ambos tinham incertezas sobre o seu futuro e faziam questão de repudiar um ao outro.

Seguindo o exemplo da Primeira Guerra, os efeitos da Revolução Russa também não ficaram contidos exclusivamente aos seus limites territoriais, com os Bolcheviques no controle, os países capitalistas começaram a ficar nervosos com o poder que as massas poderiam ter se decidissem por uma mudança política, sendo os Estados Unidos o principal responsável pelo receio em relação a Rússia. Foi logo após a queda do czarismo que o primeiro período da ameaça vermelha (The Red Scare) se difundiu em território estadunidense. Os Estados Unidos, adeptos do capitalismo extremo e potência em ascensão no cenário internacional, temiam mais do que ninguém uma revolução de trabalhadores sindicalizados inspirados pela Revolução Russa, esse pavor deu margem a investigações agressivas e prisão de centenas de pessoas adeptas a ideologias e crenças políticas suspeitas, além daquelas que de alguma forma estivessem ligadas a movimentos socialistas ou comunistas. Portanto, o pior pesadelo americano se tornava realidade quando a União Soviética foi criada por Lênin em 1921: o Comunismo estava se expandindo para além da Rússia.

Já entre 1924 e 1953, a ditadura Stalinista tomava conta da União Soviética, Stálin conseguiu distorcer tudo que o Comunismo pregava, e com as atrocidades cometidas pelo seu regime em território soviético, a comunidade internacional ficava cada vez mais nervosa com as atitudes que Stálin poderia vir a cometer a nível global, por tais motivos, pensamentos como a doutrina Truman dos Estados Unidos, criada com a finalidade de barrar a expansão comunista, se tornavam extremamente atraentes para países que tentavam evitar que o Comunismo achasse brechas em suas comunidades. Em 12 de março de 1947, o presidente estadunidense Harry Truman discursou ao congresso dos Estados Unidos sobre seu papel no pós- segunda guerra, ele afirmou o seguinte:

“No atual momento da história mundial cada nação deve escolher entre os modos de vida opostos. A escolha não é frequentemente livre. Um modo de vida baseia-se na vontade da maioria e se caracteriza por instituições livres, governo representativo com eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de expressão e de religião, e pela supressão das formas de opressão política. Uma outra forma de vida baseia-se na vontade de uma minoria

imposta à força à maioria. Ela se apoia no terror e na opressão, no controle da imprensa e do rádio, em eleições manipuladas e na supressão das liberdades individuais. Acredito que a política dos Estados Unidos deve ser de apoiar os povos livres que estão resistindo a subjugação por minorias armadas ou por pressões exteriores. Acredito que nossa ajuda deve ser primeiramente através da estabilidade econômica e da ordenação do processo político”.

Tais palavras confirmavam cada vez mais a rivalidade entre o Capitalismo e o Comunismo, rivalidade essa que viria a eclodir alguns anos após com a entrada dos Estados Unidos e da União Soviética na Guerra Fria.

A BIPOLARIDADE MUNDIAL

Um grande exemplo da perspectiva de ameaça que o ocidente atribuía ao comunismo foi a eclosão da Guerra Fria, de cunho político, social, econômico, militar e ideológico entre as duas superpotências: Estados Unidos e a União Soviética; logo após a Segunda Guerra Mundial. Atrelado ao fato de que uma guerra aberta envolveria um confronto nuclear, EUA e União Soviética passaram a disputar poder de influência tanto em âmbito ideológico, como político e econômico, em todo o mundo³. A característica desse processo era o envolvimento das duas superpotências em guerras regionais, onde cada potência apoiava um dos lados. Entre os conflitos mais famosos da Guerra Fria, apresentam-se as Guerras do Vietnã (1962-1975) e da Coreia (1950-1953).

Ao final da Segunda Guerra Mundial, as duas grandes vencedoras foram a URSS e os EUA, constituindo rapidamente um sistema global bipolar. Enquanto os EUA afirmavam que a economia capitalista é a representação da democracia, a URSS argumentava que o socialismo enfatizava a solução dos problemas sociais. Dessa forma, o mundo foi dividido em dois blocos, cada um sendo representando por uma superpotência: Europa ocidental, América Central e América do Sul, sob influência dos EUA –de ideologia capitalista; e a Ásia Central, parte do leste da Ásia, e leste europeu sob influência da URSS –de ideologia socialista. Entretanto, a superioridade econômica estadunidense era visível. Seus exércitos ocupavam parte do sudeste asiático, grande parte das ilhas do Pacífico, o Japão e parte da Europa ocidental, sendo algumas das regiões mais industrializadas do mundo antes da Segunda Guerra. Enquanto isso, a União Soviética ocupava o oriente europeu, metade do norte da Ásia e uma parte da Coreia, sendo regiões mais pobres onde a maior parte das indústrias, da infraestrutura, energia e comunicações estavam arruinadas.

Após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, o país foi dividido em 4 áreas administrativas, cada uma chefiada por um vencedor –Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética-, com duas zonas de influência: a capitalista e a socialista. A capital Berlim foi dividida e a comunicação entre a parte ocidental da cidade e todas as outras áreas era feita por pontes aéreas e terrestres. Porém em 1948 a França, os EUA e o Reino Unido, ao tentarem controlar a inflação alemã, criaram o Marco Alemão como moeda oficial entre suas zonas de influência, para o desagrado de Josef Stalin, que era então líder da União Soviética. Afim de revidar, em junho de 1948, Stalin fechou todas as rotas terrestres com suas tropas soviéticas, impedindo o abastecimento de comidas e combustíveis na parte ocidental. Os países ocidentais, então, criaram uma grande ponte aérea possibilitando que aviões de transporte de cargas dos EUA, Reino Unido e Austrália levassem mantimentos para o ocidente de Berlim. Quando Stalin reconheceu a derrota de seu plano em 1949, as áreas estadunidense, francesa e britânica se uniram originando a *Bundesrepublik Deutschland* (República Federativa da Alemanha ou Alemanha Ocidental), com capital em Bonn, enquanto da área soviética surgiu a *Deutsche Demokratische Republik* (República Democrática Alemã ou Alemanha Oriental), com capital em Berlim (a porção oriental).

³ Segundo o Portal Brasil, na década de 1960 os EUA e URSS tinham armas suficiente para vencer e destruir qualquer outro país do mundo.

CAPITALISMO X SOCIALISMO

As propagandas político-ideológicas tanto capitalistas quanto comunistas se baseavam em desacreditar da ideologia adversária, desacreditando também do adversário, e concomitantemente em convencer o sistema internacional e que o seu sistema era superior, tendo o serviço de espionagem e inteligência de ambos os países –EUA e União Soviética- desempenhado um papel decisivo na Guerra Fria.

O general estadunidense George S. Patton considerava o comunismo uma ameaça maior e desejava enfrentar os soviéticos com confrontos militares diretos. Porém, ao invés disso, o bloco ocidental adotou uma “estratégia de contenção”⁴, numa tentativa de impedir maior expansão geopolítica da ideologia comunista. A contenção deu certo na Europa ocidental mas não impediu o surgimento de regimes comunistas em países da África, Ásia e América Latina.

Vários dissidentes soviéticos fugiram para o ocidente, e muitos destes revelaram ações de espionagem e de propaganda para provocar revolta no Ocidente. Em 1953, por exemplo, um casal de estadunidense foi condenado à pena de morte por traição, sendo acusados de transmitirem segredos, inclusive de tecnologia nuclear, para a URSS.

Anatoliy Golitsyn afirmava que a tensão sino-soviética foi uma farsa encenada para criar a ilusão de que o bloco comunista estava dividido internamente e, assim, enganar o ocidente. Há quem diga ainda que o Movimento Não Alinhado (em que faziam parte os países que não mantinham relação nem com os Estados Unidos, nem com a União Soviética) de na verdade ter sido idealizado pelos serviços de inteligência soviéticos, com o intuito de disseminar, no terceiro mundo, o antiamericanismo disfarçado de neutralidade.

Os governos pró EUA e os pró URSS fizeram inúmeras vítimas. Tanto governos capitalistas quanto governos comunistas praticaram igualmente repressão política, censura, assassinato, tortura e exílio; e regimes conservadores, reacionários e contra reacionários de direita, apoiados pelos EUA, foram responsáveis por graves violações dos direitos humanos. Nesse caso, observa-se que os EUA possuíam maior poder de dissuasão em relação a URSS, ganhando cada vez mais adeptos da ideia anticomunista.

⁴ Por exemplo, a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

A SEGUNDA RED SCARE

A segunda etapa do Red Scare começou em 1947 e se estendeu durante a Guerra Fria, até 1957. Essa fase foi popularmente conhecida como “McCarthyism”, ou “macartista”, se referindo ao seu maior apoiador, o senador Joseph McCarthy. O macartismo foi o período em que se criou a suspeita de espiões comunistas, de qualquer nacionalidade, dentro do governo estadunidense, e o medo de um ataque aos Estados Unidos da América por parte da União Soviética ou da República Popular da China. Essa etapa foi caracterizada por fortes repressões políticas aos comunistas e campanhas de medo à influência deles.

Milhares de americanos se tornaram objetos de agressivas investigação, após serem acusados de simpatizarem com a ideologia comunistas, sendo o principal alvo os funcionários públicos, artistas, educadores e sindicalistas. Muitas pessoas perderam seus empregos ou tiveram suas carreiras derrubadas, sendo alguns presos; enquanto a maioria das punições foram baseadas em leis que mais tarde foram declaradas inconstitucionais e demissões por justa causa que mais tarde foram declaradas ilegais.

Os maiores exemplos do poder macarthista dizem respeito aos discursos, as investigações conduzidas pelo Comitê de Atividades Antiamericanas, as diferentes atividades anticomunistas do FBI e a “Lista Negra de Hollywood”.

A chamada “Lista Negra de Hollywood” foi uma lista com nomes de atores, diretores, roteiristas, músicos e outros artistas, com o intuito de boicotar simpatizantes do comunismo, negando-lhes emprego. Para entrar na lista bastava defender os ideais de esquerda próximo de qualquer pessoa que poderia em seguida denunciar. A lista acabou com a carreira de inúmeros artistas e contribuiu para aumentar o sentimento anticomunista do público.

Simultaneamente durante o macartismo também foi desenvolvida a ideia de “ameaça lilás” ou “terror lilá”, que dessa vez se referia aos homossexuais. Em 1950, John Emil Peurifoy, um diplomata americano, informou que o Departamento de Estado havia aceitado a demissão de 91 homossexuais, enquanto Guy George Gabrielson, líder do Partido Republicano, declarou que os homossexuais que se infiltraram no governo até então, poderiam ser tão “perigosos” quanto os comunistas. Em 1953, o Departamento de Estado já havia demitido 425 funcionários por suspeita de homossexualidade.

Durante a segunda etapa do Red Scare, toda e qualquer atividade pró comunismo estava explicitamente proibida e qualquer um que a praticasse, ficaria sujeito a prisão ou extradição.

A GUERRA DA COREIA

A Guerra da Coreia de 1950 a 1953 foi o único confronto militar que envolveu conflitos diretos entre militares dos Estados Unidos e militares da União Soviética. No ano de 1945 a península da Coreia foi dividida em duas áreas de influência: uma ao norte, de ideologia comunista, ocupada pela União Soviética e mais tarde pela República Popular da China, chamada de República Popular Democrática da Coreia; e a outra ao sul, de ideologia capitalista, ocupada por tropas estadunidenses, chamada de República da Coreia.

Com o objetivo de reunificar a Coreia sob um governo socialista, com o apoio da União Soviética, a República Popular Democrática da Coreia invadiu e ocupou a capital da República da Coreia, Seul, o que desencadeou um conflito armado. Como consequência, os Estados Unidos solicitaram ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas a formação de uma força multinacional para proteger a Coreia do Sul. A URSS se recusou a participar da reunião em que esta medida foi debatida e os EUA legitimaram pela primeira vez enorme batalha militar durante a Guerra Fria contra a União Soviética.

Após muitas batalhas e a ajuda militar da China para os norte coreanos, foi negociado um acordo de paz, ratificado dois anos depois, que manteve a península da Coreia dividida em dois Estados soberanos, cada um com diferentes bases ideológicas, com pequenas mudanças na fronteira.

OS EFEITOS DA CONTENÇÃO COMUNISTA NA AMÉRICA LATINA

Os esforços estadunidenses para ideias anticomunistas fez sequelas na região da América Latina. Os Estados Unidos tinham no Panamá, de 1946 a 1984, uma “Escola das Américas”, com o intuito de formar lideranças militares pró-EUA, onde vários alunos desta instituição foram ditadores latino-americanos, como o ditador do Panamá, Manuel Noriega, e o líder da Junta Militar da Argentina, Leopoldo Galtieri. E a partir de 1954 os serviços de inteligência estadunidenses tiveram participação em golpes de Estado contra governos latino-americanos.

Governos simpatizantes ao comunismo, democraticamente eleitos, mas contrário aos interesses dos Estados Unidos, foram removidos do poder. Alguns dos golpes de Estado ocorridos nesse período foram: o golpe de 1954, na Guatemala, onde Jacobo Arbenz Guzmán, presidente reformista e eleito, foi deposto por um golpe promovido pela CIA; o golpe de 1964, no Brasil, onde João Goulart foi deposto por uma revolta militar e acabou se exilando no Uruguai; e o golpe de 1973, no Chile, onde uma rebelião militar, liderada por Augusto Pinochet, e apoiada pelos Estados Unidos, tirou o presidente Salvador Allende do poder.

Na Guatemala, o governo Arbenz estabeleceu uma série de reformas que a inteligência americana considerou de cunho comunista de influência da União Soviética, e essa foi a primeira vez que a CIA promoveu um golpe de Estado na América Latina. A execução durou apenas de 1953 à 1954 e tinha a intensão de armar e treinar um exercito para assumir o país. Isso causou a morte e o desaparecimento de milhares de guatemaltecos.

No Brasil, com a derrubada de João Goulart e a instauração da ditadura militar no Brasil, o país permaneceu vinte longos anos tendo direitos civis suprimidos. As acusações para Jango por parte dos conservadores, era a de que ele estaria tramando um “golpe de esquerda”, além de ser o responsável pela crise que o Brasil estava passando. A população assustada com o “perigo do socialismo” pretendido por Jango, organizou manifestações contra o então presidente. O golpe de 64 foi, então, um movimento conservador, sendo um período da história da República Federativa do Brasil que teve como característica a falta da democracia, a censura, as perseguições e repressões ideológicas, já que os militares justificavam suas ações com o objetivo de “deter a ameaça comunista”. Foi, então, fortalecido o movimento anticomunista no Brasil. Os Estados Unidos, que se preocupavam em manter sua hegemonia capitalista nas Américas, recebeu a notícia do golpe no Brasil com alívio (ARANTES, 2011).

No Chile, o golpe de 1973 derrubou o presidente Salvador Allende e o regime democrático do país. Foi articulado por oficiais da marinha e do exército chileno com o apoio militar e financeiro dos Estados Unidos, da CIA e de organizações terroristas chilenas. Foi orientada pelo general Augusto Pinochet, que em seguida se proclamou presidente.

CONCLUSÃO

Estamos no século XXI e o Comunismo ainda continua sendo visto com maus olhos, as populações Ocidentais ainda sentem medo do que um regime Comunista poderia vir a fazer em seus países, condenando então os pensamentos de qualquer um que se auto declare esquerdista e apoiador do Marxismo ou de qualquer outro que tenha pregado o comunismo como um regime capaz de funcionar em algum momento histórico. A influência dos Estados Unidos contra o comunismo perdura até hoje, o Capitalismo não deixou de ser o regime favorito do Ocidente desde a sua criação na Revolução Industrial, enquanto isso, os buracos entre as classes e a má distribuição da renda só tendem a aumentar com as diferenças econômicas e sociais que tal regime nos impõe.

Quanto ao comunismo puro pregado por Marx, esse nunca foi testado realmente, enquanto alguns regimes comunistas, como o da Iugoslávia, recorreram aos mecanismos de mercado se utilizando cada vez mais de incentivos materiais, outros, como o da China, limitam a ação dos mecanismos de mercado e dão cada vez mais ênfase aos incentivos psicológicos e a criação de padrões de conduta segundo uma ética revolucionária. A instauração do comunismo na União Soviética promovia a estatização dos meios de produção e de distribuição, porém os mecanismos de mercado foram extinguidos, juntamente com a liberdade de expressão. Observa-se então as diferentes visões da ideologia comunista em diferentes regiões ao longo do tempo, como o stalinismo e o trotskismo na antiga União Soviética, o maoísmo na China, e o juche na Coreia do Norte.

Em resumo, a visão anticomunista costuma se apagar de tempos em tempos, principalmente quando os países Ocidentais estão experimentando uma situação de bem-estar social duradoura, porém, no primeiro sinal de crise econômica ou política, vemos as antigas desconfianças voltarem a tona. O Comunismo aparentemente sempre será aquela ameaça que nunca vai embora verdadeiramente, mas com um pouco de sorte talvez o medo do queda do status quo Estatal para dar lugar a ascensão de algo novo seja extinto um dia e alguma parcela da população, se não toda, seja capaz de experimentar o que Marx, Engels, Trotsky e Lênin diziam ser uma ótima e genuína ideia.

REFERÊNCIAS

ANDREW, Christopher M.; MITROKHIN, Vasili. *The World Was Going Our Way: The KGB and the Battle for the Third World*. Basic Books, 2006.

ARANTES, Cleber de Araújo. *O Golpe de 64: O anticomunismo e a repressão ideológica no Brasil*. Amambai Notícias, 2011. Disponível em: <<http://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/o-golpe-de-64-o-anticomunismo-ea-repressao-ideologica-no-brasil>>. Acesso em: 28/04/16.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A CIA e a técnica do golpe de Estado*. Revista Espaço Acadêmico, 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/058/58bandeira.htm>>. Acesso em: 28/04/16.

BELLAMY, Richard. *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. Cambridge University Press, 2003.

BOETTKE, P. J. *Public Choice and Socialism*. George Mason University, 2003. Disponível em: <<http://mercatus.org/publication/public-choice-and-socialism-workingpaper>>. Acesso em: 21/04/16.

COLOMBO, Fabrício. *Discurso de Harry Truman*. Historiando, 2011. Disponível em <<http://f1colombohistoriando.blogspot.com.br/2011/06/discurso-de-harry-truman.html>>. Acesso em: 30/04/16.

GADDINS, John Lewis. *The Cold War: A New History*. Penguin Press, 2005.

HARVEY, John Earl Haynes; VENONA, Harvey Klehr. *Decoding Soviet Espionage in America*. Cambridge, MA: Yale University Press, 2000.

HAYNES, John. *Red Scare or Red Menace? American Communism and AntiCommunism in the Cold War Era*. Ivan R. Dee, 2000.

Heitor de Paola. *As raízes históricas do eixo do mal latino americano II*. 2005. Disponível em: <http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=137>. Acesso em: 20/04/16.

HOBBSAW, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

JOHNSON, David K. The Lavender Scare: The Cold War Persecution of Gays and Lesbians in the Federal Government. The University of Chicago Press Books, 2006.

KENEZ, Peter. A History of the Soviet Union from the Beginning to the End. Cambridge University Press, 1999.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Chile, el golpe y los gringos. Crónica de una tragedia organizada, por Gabriel García Márquez. Radio La Primerísima, 2006. Disponível em: <<http://www.radiolaprimerisima.com/noticias/3510>>. Acesso em: 28/04/16.

MCCAULEY, Martin. The Soviet Union 1917-1991. England, Longman Group Limited, 1994.

MCLOUGHLIN, Barry; MCDERMOTT, Kevin. Stalin's Terror: High Politics and Mass Repression in the Soviet Union. Palgrave Macmillan. 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. Edição Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 20/04/16.

MARX, Karl. O Capital. Editora Civilização Brasileira, edição 25, 2008.

Portal Brasil. História Geral: Guerra Fria. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/historiageral_guerrafria.htm>. Acesso em: 20/04/16.

POWERS, Richard Gid. Not Without Honor: A History of American Anti-Communism. New York Free Press, 1997.

RAPINELLI, Walmir José. O primeiro grande êxito da C.I.A. na América Latina. PUC-SP, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14319>>. Acesso em: 30/04/16.

RECCO, Claudio. História: A Revolução Industrial na Inglaterra. Folha de São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u10188.shtml>>. Acesso em: 28/04/16.

ROTTMAN, Gordon L. Korean War Order of Battle: United States, United Nations, and Communist Ground, Naval, and Air Forces, 1950-1953. Greenwood Publishing Group, 2002.

SANTOS, Marcelo. O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria. Annablume, 1ª ed., 2007.

STONE, Oliver; PETER, Kuznick. A história não contada dos Estados Unidos. Girassol Brasil, 2015.

WADE, Rex. The coming of revolution. The Russian Revolution, 1917. Cambridge University Press, 2005.